

As ciências do espírito em W. Dilthey: sobre a necessidade de uma fundamentação epistemológica

Pascoal Ribeiro dos Santos Neto⁵⁶

Palavras-chave: Historicismo, ciências humanas, epistemologia.

Resumo:

Na presente comunicação, sendo essa um recorte de um projeto de pesquisa apoiada pela COPES, buscarei expor o projeto diltheyano de fundamentação das ciências do espírito e, em certa medida, mostrar sua relação com as ciências naturais. Nesse percurso, espero que possamos entender, ao menos de forma sintética, uma visão geral sobre as ciências do espírito e o que compõe o seu material, bem como o papel da *vivência* no seu historicismo, peça fundamental para a explicação da experiência.

Wilhelm Dilthey, nascido em 19 de novembro de 1833, além de fundador do historicismo, é considerado um dos filósofos mais importantes para o desenvolvimento da filosofia contemporânea. Sua posição histórica o coloca no encontro de duas vias doravante centrais, tanto no que diz respeito à exploração de um novo campo de investigação filosófica, quanto nos diversos conceitos que expõe. Por um lado, Dilthey está intimamente ligado ao projeto de filosofia crítica kantiana, “ao projeto de fundamentação transcendental do conhecimento nas faculdades puras e *a priori* da subjetividade com vistas à demarcação dos limites de pleno funcionamento do conhecimento humano” (DILTHEY, 2010, p. V), o que resultaria em uma espécie de “crítica da razão”, isto é, uma teoria “das faculdades subjetivas em jogo no movimento do conhecimento” (*Ibid.*). Esta, seria pensado no campo de uma crítica da razão histórica, ou seja, no campo do detalhamento das estruturas transcendentais que condicionam a experiência histórica dos homens e que possibilitam fundamentar efetivamente essa experiência.

Por outro lado, ao buscar fundamentar sua filosofia do espírito, Hegel buscou a “historicização” das categorias kantianas, inserindo-as “na dinâmica da própria realidade efetiva e estabelecendo para cada uma delas um espaço particular no movimento de desenvolvimento do espírito” (*Ibid.*). Não se trata aqui apenas de uma transposição dessas categorias, mas antes criar a possibilidade de tratar a história como um objeto capaz de expor as estruturas universais. Nesse grande passo, Dilthey percebe a possibilidade de uma noção de

⁵⁶ Graduando em Filosofia pelo Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe

verdade histórica que não esteja dada de forma contingente, mas que seja adequadamente empregada em moldes científicos.

O problema encontrado pelo autor no projeto crítico kantiano consiste no esquecimento da base histórico-material que, para ele, constitui todo o conhecimento humano, o que inviabilizaria a utilização da filosofia transcendental por existir um ponto de convergência inevitável entre as ciências naturais e as ciências do espírito, dado que não se pode excluir o aspecto material dos fenômenos. De forma similar, apesar de ter pensado a possibilidade de uma real filosofia da história, Hegel desconsidera o caráter material da história. Com a redução das “determinações particulares do espírito à vida do próprio espírito em seu movimento de autoconcretização” (DILTHEY, 2010, p. VII), a história é reduzida a uma ontologia do espírito, de maneira tal que apenas as determinações do universal se dão efetivamente.

Dilthey parte da ideia de que “[...] cada tempo é marcado por uma visão de mundo específica e de que essa visão de mundo se mostra como a concreção do espírito objetivo no tempo” (*Ibid.*). A filosofia da história, segundo ele, precisa superar essa redução e atentar-se aos fatos de um tempo do espírito objetivo em sua totalidade, sem ignorar as determinações empíricas, deixando de ser apenas uma filosofia do espírito e tornando-se uma filosofia da vida. Assim, Dilthey apresenta o conceito de *vivência*, capaz de contornar os problemas da filosofia transcendental de Kant e da filosofia do espírito de Hegel, além de ser o conceito fundamental para explicar a *experiência*.

Dilthey entende a vida como a própria unidade entre a realidade interior do indivíduo com os objetos do mundo exterior, isto é, a *unidade físico-espiritual* dada em todos os fenômenos de modo geral. Não se trata de um conceito metafísico muito menos de uma noção biológica, mas sim do indivíduo em sua existência relacionando-se com os outros e com o mundo; estão inseridas aí a compreensão da própria atividade do homem, do que se resulta dela e também de como os indivíduos avaliam-nas, considerando que essa experiência é determinada pelo tempo e pelo espaço. Todos os fenômenos em geral possuem uma dimensão física, objeto de estudo das mais variadas ramificações das ciências naturais, estas, tratando desta dimensão de forma analítica, necessitando decompor o fenômeno em partes isoladas de sua unidade mesma.

Essas ciências fundam-se a partir da desarticulação dos fenômenos em geral da relação que tem com a vida que lhes é própria, “com a base histórico-espiritual que é a deles e com o homem como ponto nodal de estruturação desses fenômenos” (DILTHEY, 2010, p. VIII), assim, Dilthey afirma se dá por necessário a superação desse problema recorrendo a uma

outra forma de ciência e da fundamentação dessas, ultrapassando o limite que se põe pela forma como são estruturadas as ciências naturais. Essas ciências, cujos elementos são os indivíduos e suas relações são as ciências do espírito (ciências humanas). Assim, ficam mais evidentes as motivações do Dilthey para a realização da sua obra intitulada *Introdução às ciências humanas*, que tem por objetivo a busca por uma fundamentação das ciências humanas (do espírito), ciências essas que se apresentam como uma forma de conhecimento fidedigno, com diferenças em relação às ciências naturais; seu projeto constitui-se basicamente na delimitação gnosiológica entre as ciências naturais e as ciências humanas.

Referências

AMARAL, Maria Nazaré de Camargo Pacheco. **Dilthey: conceito de vivência e os limites da compreensão nas ciências do espírito**. Trans/Form/Ação, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 51-73, 2004.

DYLTHEY, Wilhelm. **Introdução às ciências humanas**: tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.